

Krugman: Soros ganhou com crise no Brasil

Economista diz em artigo que investidor especulou com títulos da dívida brasileira

Gilberto Scofield e
Ana Paula Baltazar

• Em um artigo publicado na revista eletrônica "Slate", o economista Paul Krugman disse que o megainvestidor George Soros especulou durante a sexta-feira de pânico no mercado financeiro, dia 29 de janeiro, comprando papéis da dívida externa brasileira, quatro dias antes de Francisco Lopes ser substituído por Armínio Fraga Neto na presidência do Banco Central. Krugman insinua que o fato de Armínio Fraga, dias antes, ter mantido conversações com o Governo brasileiro sobre a crise pode ter influenciado a decisão do investidor de comprar papéis da dívida brasileira e lucrar com a operação.

"Durante os dias que precederam à indicação de Armínio Fraga Neto, um ex-gerente de fundos do especulador bilionário George Soros, como presidente do Banco Central do Brasil, rumores se espalharam pelos mercados: o Brasil iria dar um calote na sua dívida, decretar feriado bancário, entre outros. O real perdeu quase metade do seu valor. Durante este período, descobriu-se depois, Fraga estava negociando com o Governo seu passe, significando

que ele sabia que nenhum plano estava sendo elaborado. Ao mesmo tempo, Soros comprava grandes quantidades de dívida brasileira com enormes descontos. Após o fim de semana, o real se recuperou bastante, em parte porque Soros poderia "extorquir" aqueles que venderam as dívidas do Brasil a descoberto. Muitos fundos estrangeiros estão, como poderíamos dizer, um pouco tensos com toda esta história".

Pedro Parente diz que insinuação é absurda

Procurada pelo GLOBO, a assessoria de imprensa do Banco Central não quis comentar as insinuações feitas pelo economista Paul Krugman, alegando que Armínio Fraga ainda não é oficialmente funcionário do BC, sendo presidente indicado. Enquanto não é sabatinado pelo Senado, Armínio trabalha como assessor especial do Ministério da Fazenda.

— Estou ao lado do ministro Pedro Malan e gostaria de dizer o seguinte: quem fez a primeira sondagem para que o Armínio viesse para o Governo fui eu num telefonema a ele no sábado, portanto isso não tem como ser verdadeiro. É um absurdo qualquer insinuação dessa natureza — afirmou o

secretário executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente.

No terceiro artigo publicado este mês sobre a crise brasileira, Krugman diz que o país é vítima de uma armadilha de credibilidade e que o que aconteceu nos últimos seis meses é uma "punição sem justificativa". Curiosamente, o economista não incluiu no corpo do artigo o texto em que faz insinuações sobre Soros e Fraga. Ele fez um atalho para outra tela — conhecido no jargão da informática como *link* — acompanhado de um aviso: "se você quer saber mais sobre os bastidores da troca no Banco Central do Brasil, clique aqui". Em mensagem por *e-mail*, a executiva Gretchen Evanson, da Microsoft (que edita a "Slate"), informou que o *link* também é de responsabilidade de Krugman.

De modo geral, o artigo do economista do Massachusetts Institute of Technology (MIT) é bastante positivo para o país. Segundo Krugman, embora o processo de reformas não tenha sido concluído, o avanço obtido pelo Governo é "real e substancial". Ele afirma que o contágio da crise russa foi psicológico: o calote russo fez crescer o medo de o Brasil, que também tem grande déficit orçamentário, oferecer riscos. "Mas há

algo um pouco esquisito sobre o déficit do Brasil, quando você o observa de perto. O Brasil registra atualmente um superávit primário substancial — desconsiderados os juros sobre a dívida pendente, a arrecadação de impostos é maior do que os gastos."

Problema maior está nos juros pagos sobre a dívida

Segundo Krugman, o problema não está no enorme déficit orçamentário, mas nos juros elevados pagos sobre essa dívida, por causa da falta de confiança dos investidores. "E porque os investidores não têm confiança? Por causa desses grandes déficits. (...) Os investidores não têm confiança no Brasil por causa do déficit orçamentário elevado, que é resultante dos juros altos e de uma economia deprimida, causados pela falta de confiança dos investidores. É completamente circular."

O economista critica a alta dos juros recomendada pelo FMI e volta a defender a adoção de controles temporários do fluxo de capital para evitar o esgotamento das reservas do país e uma desvalorização acentuada do real. ■

COLABOROU Leandra Peres,
de Brasília